

“NÃO É OBESIDADE. É ESCRAVIDÃO”: GESTÃO E INTERAÇÃO DE PONTOS DE VISTA SOBRE FATORES DE COMORBIDADE DA COVID-19

“IT IS NOT OBESITY. IT IS SLAVERY”: MANAGEMENT AND INTERACTION OF POINTS OF VIEW ON COVID-19 COMORBIDITY FACTORS

Alexandra Bittencourt de Carvalho *

Karina Côrrea Lelles**

RESUMO: Em tempos de pandemia decorrente do novo coronavírus, há uma intensa produção de discursos que colocam em cena saberes sobre a doença e as pessoas contagiadas. Reiterados discursos têm produzido a forte ligação entre o COVID e a obesidade como um dos principais fatores de comorbidade para a doença. No entanto, em um número bem menor e pouco circuladas, representações que problematizam isso são promovidas apontando a gordofobia e trazendo questões raciais para as comorbidades. O presente artigo tem como objetivo, então, analisar discursivamente, a partir de teorias enunciativas, a gestão e hierarquização de pontos de vista do artigo de opinião “Não é obesidade. É escravidão.” do RioOnWatch. Os resultados apontam para a forma antiorientada de pontos de vistas que legitimam a obesidade como fator de risco a fim de desconstruí-los e ao mesmo tempo destacar que essa narrativa distrai o principal fator de comorbidade da COVID 19: a raça.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19; raça; obesidade; pontos de vista.

ABSTRACT: In times of pandemic resulting from the new coronavirus, there is an intense production of speeches that bring knowledge about the disease and how people are infected. The repeated speeches have produced a strong link between COVID and obesity as one of the main factors of comorbidity for a disease. However, in a much smaller number and little circulated, representations that problematize this are promoted to carry the fatphobia and bringing racial issues to comorbidities. The purpose of this article is,

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística, na área de Linguística do Texto e do Discurso, da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: alexandraportugues@yahoo.com.br.

** Doutora do Programa de Pós-Graduação em Linguística, na área de Linguística Aplicada, da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: kalles@hotmail.com.

therefore, discursive analysis, based on enunciative theories, the management and hierarchization of the points of view of the opinion article “It is not obesity. It’s slavery.” from RioOnWatch. The results point to an anti-oriented form of points of view that legitimize obesity as a risk factor in order to deconstruct it and at the same time to highlight that this narrative distracts the main factor of comorbidity of COVID 19: race.

KEYWORDS: COVID-19; race; obesity; viewpoint.

INTRODUÇÃO

A pandemia do novo coronavírus, como qualquer evento no mundo social, gera discursos promovidos institucional e cotidianamente. É importante a análise desses discursos difundidos por práticas midiáticas, biomédicas, econômicas, políticas, cotidianas para entendermos como as representações sobre Covid-19 são produzidas, iteradas, ressignificadas e combatidas. Isso implica dizer que são múltiplas as representações e que essa diversidade gera posicionamentos e pontos de vista variados, materializados nos discursos circulados.

A relação entre a COVID -19 e a obesidade foi fortemente veiculada nos anos de pandemia no Brasil. Em uma pesquisa na ferramenta *Google*, cujas palavras-chave foram obesidade e Covid-19, o resultado gerou, durante o ano de 2020, 117.000 notícias, enquanto que, só nos quatro primeiros meses de 2021¹, 166.000. Das posições mais ranqueadas, considerando as dez primeiras páginas da procura, todas admitiam a obesidade como um fator de risco para o agravamento ou morte por COVID-19.

Entretanto, há questionamentos sobre essa relação: no Brasil, a filósofa e ativista gorda Maria Luiza Jimenez vem fazendo diversas reflexões sobre o assunto admitindo que a forma como os discursos biomédicos patologizam os corpos gordos e, repetidamente, anunciam a obesidade como fator de risco, são maneiras gordofóbicas de representar pessoas gordas (JIMENEZ; RODRIGUEZ, 2020; JIMENEZ-JIMENEZ, 2020). Nos Estados Unidos, a pesquisadora Sabrina Strings também vem questionando essa disseminação massiva da obesidade como um dos fatores principais de comorbidade, afirmando a necessidade de discutir pontos mais salientes para o agravamento da doença ou morte decorrente dela. Para ela, os fatores que realmente estão fazendo pessoas morrerem na pandemia é a raça: negros e negras são a população que mais morre de Covid (STRINGS, 2020, ON-LINE).

Este artigo traz, então, a análise do discurso de um artigo de opinião produzido por Strings, em 25 de maio de 2020, e traduzido por Francine Oliveira para a mídia *RioOnWatch*, em 4 de junho de 2020, intitulado “Não é Obesidade. É escravidão”, a fim de descrever o funcionamento interno do dialogismo em termos de como os pontos de vista (PDV) são colocados

¹ Pesquisa feita no dia 14 de maio de 2021.

em cena pelo locutor bem como são relacionados com este no texto em questão. Desta maneira, teoricamente, aborda os construtos teóricos e metodológicos das teorias enunciativas e os processos de modalização e suas marcas modais.

Para tal, o artigo será organizado de seguinte maneira: na seção seguinte, contextualizaremos a Covid-19 e problematizaremos a sua relação com a questão dos corpos gordos nos discursos de fatores de comorbidade. Na terceira seção, discorreremos sobre pontos teóricos que baseiam nossos objetivos: as noções de locutor e enunciador (BENVENISTE, 1989 [1996]; DUCROT, 1984; RABATEL, 2013), de ponto de vista (RABATEL, 1998, 2013, 2016) e de posturas enunciativas (RABATEL, 2016). Partindo, principalmente, das discussões estabelecidas em Rabatel (2013) acerca do papel do enunciador na produção de PDV, descreveremos os procedimentos metodológicos da análise, na seção 4, contendo as instâncias, estruturas, laços semânticos e suas instanciações linguísticas nos textos. Nas seções 5 e 6, serão apresentadas, respectivamente, a análise do texto e a reflexão sobre a análise feita.

O NOVO CORONAVÍRUS, A PRODUÇÃO DE DISCURSOS E CORPO GORDO COMO FATOR DE RISCO

Uma severa crise sanitária se instaurou no mundo a partir de 11 de março de 2020 quando a Covid-19 foi declarada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A partir de então, as práticas sociais sofreram transformações devido à necessidade do distanciamento social e da rotina de cuidados básicos com a saúde. Esse novo contexto mundial também trouxe novas práticas discursivas que incluem grupos de risco. De acordo com Silva e Souza (2021, p. 6), “a doença e seus desdobramentos têm sido pauta de diferentes discursos, sendo os veículos de informação o principal espaço para a textualização desse acontecimento”.

Nestes discursos sobre grupos de risco e fatores de comorbidade que avançam para a gravidade e mortalidade da Covid-19, incluiu-se o corpo dito obeso. De acordo com Gonçalves e Miranda (2012, p. 98), “a concepção de corpo obeso é uma construção social produzida numa cultura e em períodos históricos específicos. Não é um conhecimento pronto e um dado a priori e sim tecido nas redes discursivas engendradas pelo social”. Apenas no início do século XXI, os corpos gordos passam a ser inscritos como insalubres, fruto da crescente medicalização da sociedade, do surgimento da biomedicina em suas relações com o capitalismo (SANT’ANNA, 2016). Um exemplo disso pode ser a prática médica da biomedicina nos séculos XX e XXI, que naturalizou a relação entre o corpo gordo e a doença, levando em consideração principalmente o IMC, taxando todos que estão fora do padrão dito normal como doentes (HARJUNEN, 2009).

A maioria dos discursos sobre a Covid-19 parece incorporar a representação de corpos gordos como corpos não saudáveis e, portanto, mais expostos aos riscos de gravidade da doença e mortalidade. Por outro lado, discursos que problematizam essa incorporação, de maneira bem menos recorrente, são circulados. Diante disso, como forma de salientá-los, este

artigo traz a análise sobre a gestão e interação de pontos de vista do artigo “Não é Obesidade. É escravidão” com o objetivo de observar como representações sobre a COVID 19 e seus fatores de comorbidade são representados e colocados em cena pelo locutor nos PDVs do texto em questão.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para discutirmos a noção de ponto de vista (PDV), algumas questões anteriores a ela são necessárias. Sabendo que o PDV está relacionado a enunciadores, é preciso discorrer sobre como essa instância da enunciação foi construída dentro das teorias enunciativas.

Bakhtin (2003) afirmava que seria possível perceber, no enunciado, vozes diferentes que estabelecem entre si relações dialógicas. Para o autor, o enunciado seria uma unidade discursiva que se constrói a partir do já dito ligando-se, igualmente, ao não dito e aos enunciados que serão ditos posteriormente, o que ele chama de dialogismo. Tendo como referência a teoria Bakhtiniana, Ducrot (1984) apresenta o conceito de polifonia, que possibilita a ocorrência de valores antagônicos associados a sujeitos diferentes no bojo de um mesmo enunciado. Desse modo, o conceito de dialogia, que está presente em toda a obra de Bakhtin, “está intrinsecamente ligado ao conceito de polifonia, também discutido por Ducrot”, para quem o enunciado é “a unidade discursiva por meio da qual é possível vislumbrar diferentes vozes que estabelecem entre si relações dialógicas” (BORGES; JESUS, 2010, p.156).

Ainda de acordo com Bakhtin (2006), o discurso do outro possui uma expressão dupla que seria a sua própria e a do enunciado que o acolhe. Assim, a voz individual só é ouvida quando se integra ao coro complexo de outras vozes: neste contraste de vozes instaura-se, então, o dialogismo. Partindo disso, Ducrot (1984) desenvolve uma abordagem linguística da polifonia, dando continuidade à reflexão bakhtiniana sobre a dialogia.

Ducrot (1984), na obra *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação*, afirma, então, que a descrição da enunciação, que é constitutiva do sentido dos enunciados, contém ou pode conter a atribuição à enunciação de um ou vários sujeitos que seriam sua origem. Para Ducrot (1984, p.182), “identifica-se a polifonia quando é possível distinguir, em uma enunciação, dois tipos de personagens que são os enunciadores e os locutores”. O autor, assim sendo, distingue locutor de enunciadador. De acordo com Borges e Jesus:

Locutor é aquele que produz o enunciado no momento da enunciação e por ele se responsabiliza, fato que provoca uma coincidência entre locutor e falante empírico, pois ambos são designados pelas marcas da primeira pessoa. Entretanto, nem sempre pode ser considerado como autor do discurso, pois pode incorporar ao seu enunciado falas de outros locutores (BORGES, JESUS, 2010, p.157).

O locutor é o ser que possui a responsabilidade enunciativa, marcado linguisticamente pelo pronome “eu” e que não necessariamente é o autor empírico do texto. Outra questão importante sobre o locutor é que, em uma enunciação, podem aparecer locutores outros, fato este que já insere essa instância na concepção dialógica da teoria polifônica.

Assim, Ducrot introduz o conceito de enunciador, que seria aquele a quem é atribuída a responsabilidade dos atos ilocutórios veiculados pelo enunciado do locutor. Os enunciadores, são seres que se expressam na cena enunciativa sem que atribuam a eles palavras, marcas linguísticas de um “eu” bem definido, ou seja “é somente no sentido que a enunciação é vista como seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não no seu sentido material do termo” (DUCROT, 1984, p. 192).

Essa definição de enunciador é problematizada por Rabatel (2013): ele admite a disjunção de locutor e enunciador feita por Ducrot, mas sinaliza a falta de aprofundamento na distinção teórica – implicando mudanças metodológicas – entre enunciador e ponto de vista. Cortez (2012) afirma que:

O ponto de vista também engloba a representação de falas que podem se manifestar por diferentes formas do discurso reportado (discurso direto, discurso indireto, discurso direto livre etc.). Nessa ótica, as falas, os pensamentos e percepções assinalam pontos de vista, conferindo posição aos enunciadores no discurso. Ademais, essa reinterpretção da noção de ponto de vista considera que mesmo as “frases sem fala” (quando não há asserção ou fala explícita) permitem a expressão de um ponto de vista, ou seja, ainda que as instâncias não falem, podem ter seu ponto de vista representado por outro enunciador ou pelo locutor/enunciador primeiro. Essa representação pode ser assumida pelo locutor/enunciador primeiro (doravante L1/E1), encarregado de gerenciar as informações no discurso, ou ser atribuída por ele a outros enunciadores, que nem sempre são autorizados a falar (CORTEZ, 2012, p.180).

Para Rabatel (2013), o enunciador não seria apenas o responsável pela origem do discurso, mas também pelos conteúdos proposicionais que agregam valor ao seu discurso ou que incluem pontos de vistas a outras fontes que são de um ponto de vista (PDV) que não foi proferido. Todo PDV estaria, então, representado por uma fonte enunciativa de acordo com as suas intenções pragmáticas. Ao enunciar um ponto de vista, um enunciador considera não apenas a sua perspectiva, mas a de outros interlocutores e o contexto no qual aquele discurso está inserido.

Rabatel também constrói uma crítica a outro autor importante das teorias enunciativas: ele argumenta sobre como a subjetividade é expressa de forma plural, além do aparelho formal da enunciação. Para Benveniste (1989), a subjetividade poderia ser percebida materialmente em um enunciado por meio de dêiticos e verbos que a língua empresta ao enunciador; e ao fazê-lo,

transforma-se em sujeito. Rabatel (2013), considerando a disjunção discutida, coloca em cena o caráter modal. Dessa forma, a subjetividade possui uma atualização dêitica, relacionada ao locutor, e uma atualização modal, relacionado ao enunciador, que não necessariamente caminham juntas. Sobre a última, é nela que repousa a definição de enunciador “como a instância que se encontra na origem de um ponto de vista expresso em um conteúdo proposicional” (RABATEL, 2013, p.19). O enunciador, então, exprime um ponto de vista sem necessariamente tornar um locutor, emergindo a ideia de que o locutor pode pôr em cena vários enunciadores.

A expressão do conteúdo proposicional traz a necessidade de discutirmos a concepção de referenciação, ou seja, de como os objetos do discurso são percebidos e construídos na cena enunciativa. Cardoso (1997) afirma que, na teoria de Benveniste, o discurso seria a manifestação da enunciação ou o seu produto. O valor de referência é conferido pela enunciação, através do sujeito falante, no ato de enunciação, fazendo com que a língua se refira ao mundo. E quem realiza o ato de referência é o sujeito falante ao enunciar sua posição de locutor. Borges e Jesus (2010, p.159) afirmam que, para Benveniste,

a língua possui formas que possibilitam que alguém se assuma como locutor ao se apropriar da linguagem. Assim, o EU funda sua subjetividade, pois podendo dizer-se EU, pode dizer TU ao outro, constituído, por esse viés, em seu interlocutor. EU e TU, dessa forma, designam os seres enquanto personagens do diálogo.

Ao considerarmos a subjetividade, é necessário evidenciar que, conforme Rabatel salienta, formas diferentes de perceber e de produzir discursiva e linguisticamente os objetos podem produzir não apenas diferentes subjetividades, mas também PDVs distintos:

Uma percepção representada é um processo pelo qual uma percepção não é somente predicada, mas ainda feita o objeto de uma expansão no curso da qual o focalizador detalha diferentes aspectos de sua percepção inicial, comentando algumas características (...) essa representação não se limita a uma predicação, sendo completada pelas qualificações e modalizações que o expandem (RABATEL, 1998, p. 24).

Os conteúdos proposicionais são, então, inseridos de aspectos subjetivos. Aqui, é importante reafirmamos a posição de Rabatel de que, mesmo no DICTUM, há subjetividade, já que os processos de escolha e de seleção já revelam posicionamentos e, portanto, subjetividades. Dito isso, o autor consegue definir os pontos de vista como, então, “a expressão de uma percepção, em que o processo, assim como as qualificações e modalizações, correferem ao sujeito percebente e exprimem de certa maneira a subjetividade dessa percepção” (RABATEL, 1998, p. 13). Desse modo, a forma de referenciação dos objetos depende da maneira como o enunciador/locutor se posiciona no mundo e isso é fundamental para captar os PDVs nos textos e para emergir as fontes enunciativas na produção destes.

Mas quem são essas fontes enunciativas? Rabatel indica que os enunciadores são as fontes dos conteúdos proposicionais e que, portanto, a imagem das subjetividades da enunciação pode ser reconstruída a partir da forma como a referenciação dos objetos do discurso é produzida nestes conteúdos. Entretanto, nem todos os enunciadores têm a mesma importância na cena enunciativa: como já discutido, diferentes referenciações trazem PDV distintos e é preciso estabelecer as relações entre cada PDV, fazendo com que a “análise dos atores discursivos que são os enunciadores é [seja] indispensável, pois é certamente em relação à sua encenação que se constroem as interações verbais” (RABATEL, 2013, p.37).

Essa análise dos atores discursivos leva em consideração como os locutores colocam em cena os enunciadores e, em decorrência, os PDVs construídos por estes. Assim, na análise, é necessário discutirmos como os conteúdos proposicionais são produzidos por cada enunciador e se eles têm maior ou menor preponderância na interação dos pontos de vista. Além disso, é preciso analisar a natureza da relação que os enunciadores possuem em relação ao locutor, em outras palavras, como se hierarquiza a interação entre eles (RABATEL, 2013). Resumindo, a gestão dos PDVs é a maneira como o locutor coloca em cena os enunciadores, ao passo que suas hierarquizações são as posturas enunciativas que se produzem tanto a partir dos conteúdos proposicionais quanto da relação entre tais conteúdos e o locutor. A gestão e hierarquização nos orienta a analisar quais PDVs estão em cena e qual o grau de pertinência de cada um. Essas discussões teóricas trazem implicações metodológicas para a análise da gestão e interação dos pontos de vista na cena enunciativa. A próxima seção discutirá tais implicações, principalmente a partir das descrições da categorização da análise.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os passos de construção da análise basearam-se nas discussões promovidas entre os planos teóricos e interpretativos para a gestão e hierarquização dos PDVs em Rabatel (2013). Ao admitir que o enunciador é a origem do PDV e que este é expresso dentro de um conteúdo proposicional, o autor elenca três esferas para a análise: o primeiro deles, o agrupamento dos conteúdos proposicionais em relação às fontes enunciativas; o segundo, o estabelecimento das relações entre locutores e os enunciadores que colocam em cena e, por último, as representações sociais que perpassam os dois primeiros. Para o objetivo do artigo, que é analisar o funcionamento interno da gestão e da interação dos PDVs, somente os dois primeiros serão analisados, já que o último configura uma análise do funcionamento externo dos PDVs. O quadro abaixo sintetiza os passos que serão feitos na análise:

Quadro 1: Passos, categorias e perguntas.

PASSO	CATEGORIAS	PERGUNTAS
1º passo: agrupamento dos conteúdos proposicionais	Locutores/enunciadores	Quais são as fontes enunciativas do texto?
	Saturação semântica dos enunciadores	Quais referências são produzidas pelas fontes enunciativas? Quais enunciadores são coorientados?
2º passo: relação entre locutores e enunciadores	Hierarquização dos PDVs	Como os conteúdos proposicionais agrupados produzem PDVs? Qual é a relação de importância entre eles?
	Laços semânticos	Os pontos de vista estão em acordo ou em desacordo com o locutor?

Fonte: as autoras.

A identificação dos locutores e dos enunciadores é importante para a análise pois demonstra o que cada um assume na enunciação no momento de gestão dos pontos de vista: o locutor (ou mais de um) coloca em cena enunciadores, as fontes enunciativas do texto, que produzem referências a partir de imagens subjetivas inseridas nos conteúdos proposicionais dos objetos de discurso. Dessa forma, distintos conteúdos proposicionais produzem múltiplas referências que, por sua vez, implicam diferentes pontos de vista: isso faz com que possamos agrupar conteúdos coorientados e saturar semanticamente os enunciadores contemplando o primeiro passo.

A saturação semântica demanda da/do analista um olhar não apenas para os conteúdos proposicionais, mas como, agrupados, produzem pontos de vista. Esse é o ponto que leva ao segundo passo da análise: os pontos de vista não possuem a mesma importância, alguns são salientados para os propósitos da gestão promovida pelo locutor. A hierarquização consiste, então, primeiramente, em identificar o ponto de vista principal, aquele que coaduna com o ponto de vista do locutor. Essa “simbiose” revela que o locutor engaja certos pontos de vista em detrimento de outros: enunciadores são legitimados ou confrontados, ou seja, o PDV principal engaja posicionamentos. Além disso, orientam os outros enunciadores de forma ‘co’ ou antiorientada produzindo, ao mesmo tempo, marcas interacionais - laços semânticos - de concordância ou discordância: quando com marcas explícitas, laços de responsabilidade ou não responsabilidade; quando implícitas, de consonância ou dissonância (RABATEL, 2013). É, pois, o foco do segundo passo da análise.

A gestão e interação dos pontos de vista são instanciadas nos textos em marcas linguísticas. Segundo o autor, pronomes, nomeações, modalidades, sobretudo modalidades apreciativas, marcas de aproximação/distanciamento e conexões sintáticas são as principais marcas. O quadro a seguir resume as categorias linguísticas que serão utilizadas na análise:

Quadro 2: Categorias gramaticais e perguntas.

CATEGORIAS GRAMATICAIS	PERGUNTAS
Pronomes	Quais locutores existem?
Nomeações	Como os locutores/enunciadores são nomeados no texto? Qual laço semântico promove a nomeação?
Modalidades axiológicas	Como os conteúdos proposicionais atribuem os objetos de discurso? Qual laço semântico promove?
Conexões sintáticas de conformidade	O que está sendo problematizado nos conteúdos proposicionais das vozes? Como essa antiorientação promove a construção dos PDVS?

Fonte: as autoras.

A atualização dêitica, que marca instâncias da enunciação e é a esfera do locutor (RABATEL, 2013), é marcada, principalmente, por pronomes pessoais. Eles revelam quem é o Locutor do texto, o L1, e outros locutores que podem estar marcados nos textos: L2, L3, Ln.... As nomeações, por sua vez, são marcas linguísticas que podem identificar locutores e enunciadores e a forma como eles atuam no conteúdo proposicional pode marcar laços semânticos na interação dos PDVs promovida pelo L1. Concomitantemente, as modalidades axiológicas também são marcas linguísticas importantes que orientam posicionamentos no texto, já que formas distintas de atribuir o mesmo objeto do discurso produz referências formadoras de PDVs.

Outras categorias importantes para os objetivos dessa análise são as conexões sintáticas de conformidade: a recorrência delas demonstra que o L1 se engaja em E1 principal, mas a forma com que o primeiro sustenta o PDV principal é trazendo vozes que serão problematizadas a partir de outros locutores/enunciadores l/e. Essa escolha interacional predominantemente antiorientada gera a escolha de negações e conectores como “de acordo com”. Todas as marcas linguísticas serão exploradas mais profundamente na análise do texto proposta na seção subsequente.

ANÁLISE DO TEXTO

Essa seção será dedicada à análise do artigo de opinião “Não é obesidade. É escravidão”, publicado originalmente no *The New York Times*, traduzido por Francine Oliveira e republicado no *RioOnWatch* (ROW). A ROW é uma prática midiática virtual que nasceu em 2010 sob o nome de *Rio Olympics Neighborhood Watch* ou *Comunidades do Rio de Olho nas Olimpíadas*. O intuito era visibilizar as vozes da periferia do Rio de Janeiro nos períodos anteriores às Olimpíadas. Hoje, de acordo com o site, a ROW é um espaço virtual de notícia que parte da perspectiva dos moradores das favelas acerca das transformações urbanas na cidade, desmistificando o senso comum que se produziu sobre estes moradores. As matérias contam com “jornalistas comunitários, moradores, repórteres solidários, observadores internacionais e pesquisadores acadêmicos”.

O artigo de opinião está inserido em um conjunto de outras matérias, denominado “o novo corona vírus e seus impactos sobre as favelas”. Assim a mídia introduz o texto traduzido:

- (1) **Leia** a matéria original por Sabrina Strings, em inglês, no *The New York Times* *aqui*. Esta é a **nossa** mais recente matéria sobre **o novo coronavírus e seus impactos sobre as favelas**.

O excerto começa com uma modalidade interlocutiva “leia” que orienta os leitores, a partir de um hiperlink, sobre a fonte do texto original. Logo depois, insere o texto traduzido como parte do conjunto de matérias já mencionado: o pronome pessoal “nossa” atualiza deitivamente a cena enunciativa e faz aparecer o primeiro locutor L1 – a mídia *RioonWatch*. O PDV da mídia é construído a partir da reprodução traduzida do texto original, coenunciados, ou seja, L1 se alinha tanto na gestão quanto na interação de PDVs que a locutora Sabrina Strings Litraduzido (Lit) promove. O título do texto já nos dá pistas de como acontecem:

- (2) **Não** é obesidade. É escravidão.

A construção do título não tem marcas dêiticas, ele é formando apenas por enunciadores, e, portanto, pontos de vista que se opõem a partir de assertivas negativas e afirmativas. A negação é uma forma de dialogismo que revela, no mínimo, uma dupla enunciação. Em outras palavras, a negação nos leva a analisar que um conteúdo proposicional, ou um agrupamento deles, está sendo questionado e que um PDV está sendo construído respondendo a outros, em uma posição de combate. Então, “Não é obesidade” responde aos PDVs que se alinham à ideia de que a obesidade é o fator de risco mais preocupante da COVID-19 de forma antiorientada. Em seguida, a modalidade epistêmica, relacionada aos saberes ontológicos, marcada por uma assertiva afirmativa “É escravidão”, produz o PDV orientado do texto retirando a discussão dos fatores de risco da esfera médica e inserindo-a em uma esfera racial. O subtítulo do artigo de opinião está reproduzido a seguir:

- (3) **Nós** sabemos porque a Covid-19 **está matando tantas pessoas negras**.

A atualização dêitica “nós” marca o locutor do texto, mas ainda não há como identificar quem é esse locutor marcado em primeira pessoa do plural. O que se pode inferir é que ele se

insere em um grupo que tem o conhecimento sobre o conteúdo proposicional produzido no subtítulo. Tal conteúdo delimita a temática sobre a qual os PDVs se debruçarão: a razão pela qual o novo coronavírus mata mais pessoas negras do que brancas. A discussão sobre esse locutor será retomada no fim da análise.

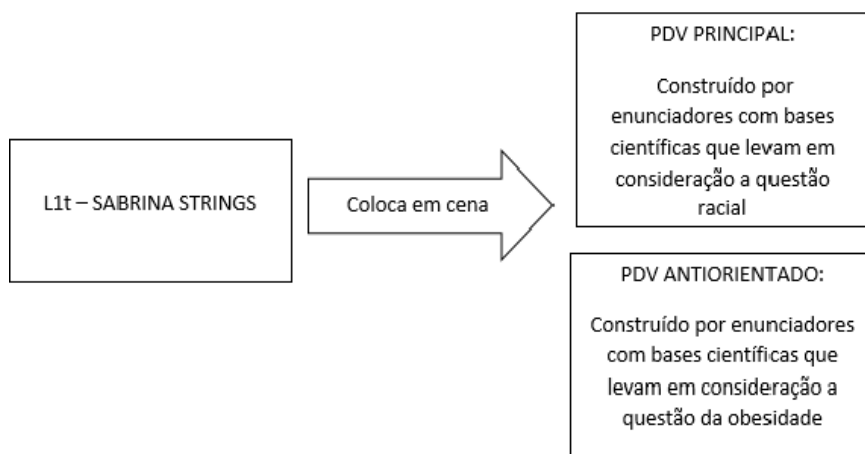
O corpo do texto começa com uma sequência narrativa:

- (4) Cerca de cinco anos atrás, **eu** fui convidada a participar de um encontro sobre saúde na comunidade afro-americana. **Diversas figuras importantes** nas áreas de saúde pública e economia estavam presentes. **Doutora recém-diplomada**, eu me sentia estranhamente como uma intrusa. Eu era a única pessoa negra na sala. Um dos **mediadores** me apresentou aos **outros participantes** e disse algo no seguinte sentido: “**Sabrina, o que você acha? Por que as pessoas negras estão doentes?**” Foi uma pergunta sincera. Alguns dos **especialistas** haviam dedicado toda sua carreira a abordar questões em torno das desigualdades de saúde racial. Anos de pesquisa, e em alguns casos de intervenções sem sucesso, **os deixaram desorientados**. Por que as pessoas negras estão tão doentes? **Minha resposta foi rápida e inequívoca. “Escravidão”**. Meus colegas pareciam **atordoados** enquanto tentavam entender a minha resposta.

A sequência narrativa é parte importante para identificarmos os locutores e enunciadore: Lit é Sabrina Strings, marcada pelo pronome “eu” e que relata um encontro sobre saúde que aconteceu nos Estados Unidos. As nomeações que se referem a ela, além de descrever a Lit, também trazem enunciadores: “Sabrina”, “doutora recém-diplomada”, “única pessoa negra da sala” orienta para a construção do PDV principal de Lit e para a identificação de enunciadores científicos e negros que ela coloca em cena posteriormente. Então, temos um E1 principal que se baseia em teorias científicas que levam em consideração o aspecto racial para o estudo dos fatores de risco da COVID19.

Outros enunciadores são colocados em cena marcados linguisticamente por nomeações: “Diversas figuras importantes” e “especialistas”. É interessante a forma como Lit coloca em cena esses enunciadores: ela exemplifica que alguns deles já haviam se debruçado sobre o porquê de pessoas negras serem mais doentes e aponta a ineficácia das intervenções que eles propuseram. Há atribuições negativas sobre os enunciadores. Ao trazer um discurso relatado à narrativa, mais ou menos reproduzido pelo conteúdo proposicional em aspas “Sabrina, o que você acha? Por que as pessoas negras estão doentes?”, Lit traz sua resposta “É escravidão” e, através de modalidades apreciativas sobre sua resposta “rápida”, “inequívoca” produz um PDV orientado, portanto, principal, ao mesmo tempo que mostra a reação de outros enunciadores “Meus colegas pareciam **atordoados** enquanto tentavam entender a minha resposta” que, também, produz um PDV, a partir de uma modalidade apreciativa “atordoados”, antiorientado a ela. A imagem abaixo resume as identificações de Lit e os enunciadores que ela coloca em cena:

Imagem 4: Gestão de Pontos de Vista.



Fonte: as autoras.

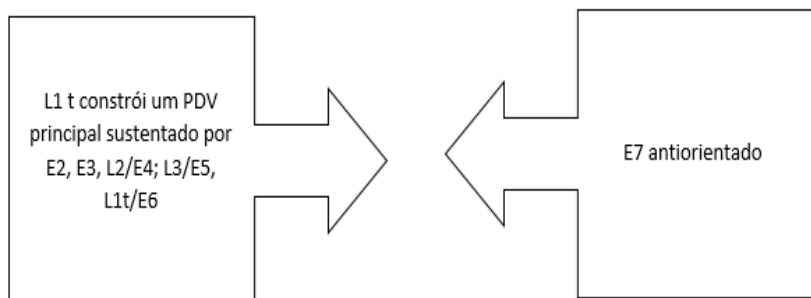
A forma como Lit gere a distribuição e a importância desses pontos de vista, ou seja, a forma pela qual a hierarquização é produzida, pode ser descrita a partir dos PDVs principal e dos antiorientados. O PDV principal conta com enunciadores que, além da própria locutora, discutem a questão racial e a saúde a partir de afirmativas que evidenciam o aspecto racial como preponderante para mortes de Covid-19, baseando-se para tal em seu próprio livro, em dados estatísticos, em pesquisas e mídias:

- (5) Essa mensagem é particularmente importante em um momento no qual afro-americanos sofrem com as maiores taxas de complicações graves e mortes por coronavírus e quando a “obesidade” tem aparecido como uma explicação. **A narrativa cultural de que o peso de pessoas negras é um precursor de doenças e morte tem servido há muito tempo como uma distração perigosa das reais fontes de desigualdade, e isso está acontecendo novamente.**

O excerto começa com uma retomada, linguisticamente marcada por “essa mensagem”, cujas informações evidenciam a questão da saúde das pessoas negras americanas sendo fruto do processo histórico da escravidão bem como da exclusão permanente do acesso das/os negros a uma alimentação saudável. Tais informação orientam para a relação que Lit/E1 promove para os dias de hoje: vista como uma “narrativa cultural”, ou seja, baseada muito mais em crenças que em evidências, a obesidade surge como uma “distração perigosa”. Observemos que as modalidades axiológicas “cultural” e “perigosa” possuem valores negativos, antiorientando Lit/E1 em relação a tal narrativa. Ao colocar como “perigosa” a narrativa de que a obesidade é o fator principal de risco para a COVID, podemos inferir que as desigualdades em relação às mortes pelo Covid-19 não são discutidas em relação à sua “real” fonte: o racismo.

Para sustentar esse posicionamento, Lit coloca em cena outros enunciadores: E2 – não nomeados, através de dados estatísticos, E3 pesquisas, E4 – aliado a um L2, *The New York Times*, E5 – aliado a um L3 – Rashaw Ray, pesquisador e E6 – aliado a Lit, através das discussões promovidas por Lit em seu livro *Fearing the Black Body: The Racial Origins of Fat Phobia (Medo do Corpo Negro: As Origens Raciais da Gordofobia)*. Todos esses enunciadores desconstruem a narrativa cultural, que chamarei de E7 do peso/obesidade. A hierarquização fica assim construída:

Imagem 5: Hierarquização de Pontos de Vista.



Fonte: as autoras.

Para efeito de análise, um trecho será analisado para exemplificar o PDV principal e um para o antiorientado:

- (6) De acordo com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças, 42,2% de americanos brancos e 49,6% de afro-americanos são obesos. **Pesquisadores ainda precisam explicar** como uma disparidade de **7% na prevalência da obesidade se traduz em uma disparidade de 240% a 700% nas fatalidades**.

A partir de uma relação coesiva de conformidade, Lit traz dados estatísticos que informam a relação entre obesidade e racialidade, apontando a disparidade de 7% entre pessoas negras e brancas. Ao trazer “pesquisadores” para a elaboração do PDV “ainda precisam explicar”, a modalidade deôntica “precisam”, que orienta nossa interpretação para um “dever fazer” modificado pelo circunstanciador “ainda”, que leva para a não realização desse dever fazer, antiorienta Lit às narrativas culturais promovidas pelos discursos médicos. Assim, amplia a discussão ao trazer outros dados, não relacionados a uma fonte: a disparidade de 7% se “traduz” em 240% a 700% quando se fala nas “fatalidades” decorrentes da COVID-19. Isso produz uma sustentação do PDV principal, trazendo informações objetivas para legitimar o posicionamento de que não é a obesidade o fator principal para as complicações da COVID e sim a racialidade. Isso é confirmado no excerto a seguir:

- (7) Essa é uma indicação de que **nossas estruturas sociais estão falhando conosco**. Essas falhas –e o pensamento que criou a crença de que os corpos negros são intrinsecamente

doentes—estão enraizadas em uma vergonhosa página da história americana que começou a ser escrita centenas de anos antes dessa pandemia.

Nomeada como “nossas estruturas sociais”, o PDV antiorientado é personificado e o processo verbal “estão falhando” as coloca em confronto com as pessoas negras. O marcador dêitico “nossas”, assim como o “nós” do subtítulo pode ser inferido como pessoas negras: Lit se coloca na cena enunciativa de forma coletivizada. O uso da forma nominal da locução verbal, o gerúndio, demonstra que essas falhas são históricas – desde a escravidão –, e recorrentes, criando um falso sentido, naturalizado entre o corpo negro e a insalubridade. O uso do particípio “enraizadas” mostra uma ação dada e acabada, de que essa crença é sustentada e admitida na sociedade. Ao trazer as razões metaforizadas na raiz como “uma vergonhosa página da história americana”, Lit se coloca antiorientada, pela modalidade axiológica “vergonhosa”, atribuindo um valor negativo sobre uma página da história americana: a escravidão. O efeito produzido pelo gerúndio é legitimado em “que começou a ser escrita centenas de anos antes dessa pandemia”.

REFLEXÃO SOBRE A ANÁLISE

A COVID-19 é uma realidade que deve ser discutida para além da esfera médica. Representações sobre ela e, em extensão, sobre as pessoas que são contagiadas por ela, são produzidas em todas as esferas sociais. Esse trabalho teve como objetivo analisar representações sobre a relação entre a COVID e a racialidade para emergir discussões que não estão em pauta nas mídias hegemônicas tampouco nas esferas sociais do cotidiano.

Para isso, a partir da análise produzida neste artigo do funcionamento interno da gestão e hierarquização de pontos de vista, a autora Sabrina Strings coloca em cena PDVs que orientam e legitimam a discussão de fatores raciais como fator preponderante de comorbidade ao mesmo tempo que coloca pontos de vista antiorientados que reiteram a noção de que a obesidade é o fator principal para as mortes de Covid-19. Assim sendo, ao trazer a obesidade como narrativa cultural e de distração, o texto provoca questionamentos sobre representações reiteradas de como a obesidade é o fator de risco principal para o novo coronavírus e, ao mesmo tempo, produz a necessidade de desconstruirmos isso. Dessa forma, desloca a discussão do eixo biomédico e o leva para questões históricas – a escravidão, e a incidência das fatalidades serem predominantemente de pessoas negras. O funcionamento interno de gestão e hierarquização dos PDVs nos mostrou que o eixo biomédico é antiorientado a Lit e desconstruído a partir da sustentação das questões históricas.

Para tal, a locutora hierarquiza os PDVs alinhados ao PDV principal, levando as/os leitores a produzir um PDV que coaduna (ou não) com o principal. Isso implica dizer que quando o *RioOnWatch* traduz o texto da americana Sabrina, também querem trazer discussões raciais sobre a COVID-19 para a realidade brasileira. Assim como nos EUA, o Brasil também

legítima o discurso da obesidade como fator principal dessa doença que assola o mundo. É preciso desconstruir isso aqui na realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Biblioteca Universal).

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. *In: Problemas de lingüística geral II*, v. 3, Campinas: Pontes, 1989.

BORGES, M. C. R.; JESUS, S. N. Bakhtin/Ducrot: contribuições à análise do discurso. **BAKHTINIANA**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 153-163, 1º sem. 2010

CARDOSO, S. H. B. Benveniste: enunciação e referência. *In: Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte/UFMG, ano 6, v.1, n.5, p.65-86, jan./jun. 1997.

CORTEZ, S. A representação de pontos de vista no artigo científico. *In: Revista Desenredo: Revista da Pós-Graduação em Letras de Passo Fundo. Passo Fundo*, v. 8, n. 2, 11, 2012.

DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. **O dizer e o dito**, v. 2, p. 161-218, 1984.

GONCALVES, S. D.; MIRANDA, L. L. Biopolítica e confissão: cenas do grupo terapêutico com pacientes obesos. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 24, n. spe, p. 94-103, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000400014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 maio 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000400014>.

HARJUNEN, H. **Women and fat. Approaches to the social study of fatness. Academic dissertation. Jyväskylä studies in Education, Psychology and Social Research**, v. 379, 2009.

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L. **Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos**. 2020. Doutorado (Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO) – Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Cuiabá, MT, Brasil. 2020

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L.; RODRIGUEZ, A.M. Gordofobia mata e em tempos de quarentena mata mais. **Lute como uma gorda**. Chapada dos Guimarães, 10 jun. 2020. Disponível em: <https://www.todasfridas.com.br/2020/06/10/a-gordofobia-mata-e-em-tempos-de-quarentena-mata-mais/>. Acesso em: 14 fev. 2021.

RABATEL, A. **La construction textuelle du point de vue**. FeniXX, 1998.

RABATEL, A. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. In: EMEDIATO, W. (org.). **A construção da opinião na mídia**. Belo Horizonte: FALE/UFMG. Núcleo de Análise do Discurso, 2013.

RABATEL, A. **Os desafios das posturas enunciativas e de sua utilização em didática**. EID&A-Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, p. 191-233, 2016.

Não é obesidade. É escravidão. **RioonWatch**, Rio de Janeiro, 4 jun. 2020. Covid-19 nas favelas. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=47931>. Acesso em: 14 de fev. de 2021.

SANT'ANNA, D. B. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2016.

SOUZA DA SILVA, N; JANTSCH DE SOUZA, M. Reflexões sobre a produção e a circulação de sentidos acerca da Covid-19 à luz da Análise de Discurso. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 7, n. 4, 2021. Disponível em: <https://periodicos.clac.org/index.php/relacult/article/view/2095>. Acesso em: 10 maio. 2021.

STRINGS, S. It's not obesity. It's slavery. **The New York Times**, New York, 25 maio 2020. Opinion. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/05/25/opinion/coronavirus-race-obesity.html>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Recebido para publicação em: 14 maio 2021.

Aceito para publicação em: 14 jun. 2022.